
OS LIVROS DE SONHOS – TEXTO E IMAGEM

Jerusa Pires Ferreira

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Brasil

Resumo: *Este trabalho lida com uma espécie de “incursão etnológica”. Livrinhos e outros materiais foram sendo reunidos, ao longo dos últimos anos. Decidimos descrever e apresentar algumas destas Chaves de Sonhos, discutindo e considerando o quanto este tipo de livro popular foi importante para a Interpretação de Freud, de acordo com suas próprias palavras.*

Palavras-chave: *cultura, edição, livros de sonhos, livros populares, o sonho em pauta.*

Abstract: *This article deals with a sort of “ethnological incursion”. Booklets and other materials have been gathered, along the last past years. We decided to describe and present some of those Keys for dreams, discussing them and considering how outstanding this kind of popular book has been for the construction of Freud’s Interpretation, according to his own words.*

Keywords: *culture, dream consideration, edition, keys for dreams, popular books.*

A visita

Quando, ainda nos dias de hoje, visitamos e recolhemos os materiais das casas de edições populares, sempre presentes no Brasil, atingindo um grande público e propondo um vasto conjunto de textos que desempenham um forte papel, na vida dos públicos populares, somos surpreendidos por duas razões: de uma parte pela vivacidade e eficácia desses produtos, e de outra parte pelo que dizemos o contingente mistificador.

Mas ao exercer esta espécie de “etnologia urbana” para entendimento de hábitos, leitura, circulação de conhecimentos, junto a esses públicos, constatamos que cada detalhe observado e descrito pode representar importante fonte de esclarecimento. Interessam, por exemplo, as instalações

e a paisagem cultural do entorno, neste território que oferece práticas muitas vezes bem diferentes das nossas, universitários e com acesso a outros circuitos culturais. Passamos a acompanhar o desenrolar do que chamamos “cultura das bordas”, conceito que desenvolvi em *Heterônimos e Cultura das Bordas* (Ferreira, 1989/1990), que não é entendida como sendo de folk (a partir de uma produção e transmissão oral e ou artesanal), mas aquela contígua à grande indústria de massas, e que se dirige a públicos moventes na cidade grande, como por exemplo, aqueles provenientes de migrações rurais e que se concentram nas periferias do eixo-industrial Rio-São Paulo.

Como podemos acompanhar, o conjunto desses textos, ainda que muitos mistificatórios e equívocos vai tentar, corresponder ao suprimento de alguma coesão perdida, desempenhar o papel de sucedâneo de antigas práticas ou até propiciar a continuação delas. Vai também oferecer normas práticas para o enfrentamento de um novo espaço social, em seus desafios permanentes.

Das editoras que trabalham com textos populares em São Paulo, a que mais chama a atenção é a editora Luzeiro, a quem dedicamos um volume da série *Editando o Editor* (Ferreira, 1995). Começando com a *Typografia Souza*, antes de receber a denominação de *Prelúdio*, em 1953, e depois Luzeiro, em 1973, respondeu, por muitos anos, pela edição de todo um conjunto de textos de nossa literatura tradicional de folhetos, conhecida como literatura de cordel. É claro que não se trata do cordel editado à maneira das antigas gráficas nordestinas mas aquele veiculado com outros critérios (sujeito a revisões e alterações), em versões policromas, postas em circulação em grandes tiragens industriais, sendo distribuído por todo o Brasil e alcançando os públicos que originalmente o produziram. A editora foi vendida, na década de 1990, mudando de rumo, e isso pode ser um outro capítulo.

Mas não era a literatura de cordel que garantia a presença da editora. A produção num espaço móvel, a adesão de novos públicos aos seus títulos e a vitalidade de um antigo fundo de grande presença ainda trazido da *Typografia Souza*, acrescidas de novas situações, levam à continuação ou ao desenvolvimento de outras séries, como é o caso da proliferação de manuais, desde os de dirigir autos aos de locutor de rádio.

Aqui, é inevitável que os fundos editoriais dessas casas sejam aproximados daqueles da literatura de colportage, das editoras populares

portuguesas, etc. Encontramos a esse respeito uma grande quantidade de importantes estudos franceses sobre livros e edições que é preciso considerar, informando-nos sobre os repertórios e sua realização.

Minha própria experiência de pesquisadora do livro popular me leva a confirmar que os fundos editoriais dessas casas têm realmente uma grande permanência, e uma incrível longevidade.

Em seu precioso inventário, nos diz Robert Mandrou (1975) que os fundos editoriais não se renovam senão quando os concorrentes começam a explorar, com vantagem de assiduidade, o antigo repertório. Mais precisamente, e por exemplo, os almanaques são aperfeiçoados e se transformam em utilitários, moralizantes, astrológicos. Poder-se-ia também dizer que certas épocas intensificam temas e escolhas. Segundo o historiador francês, estes fundos não são unívocos. Há contradições, elementos ambíguos e incoerências internas irredutíveis, que são ligadas a uma visão do mundo, às contradições, que discernimos segundo nossos modelos, e pertinentes à lógica popular. Mas pode-se dizer que existe uma certa estabilidade nos catálogos, como nos diz Mandrou (1975): os Oudot e Garnier fizeram fortuna e puseram à disposição de um vasto mercado de produção o que lhes parecia corresponder à demanda e ao gosto desses públicos.

Nesse ponto, deve-se considerar que a literatura popular, oral ou impressa, tradicional ou esta das bordas, está diretamente ligada a uma demanda, baseia-se numa espécie de metaconhecimento que preside a toda expectativa e que vai ao encontro daquilo que é, de certa forma, oferecido, criando-se desde sempre uma espécie de reconhecimento.



Figura 1. Figura de livros populares usados por Freud (Lyotard, 1979)

Examinando certos conjuntos temáticos, sistematizados pelo historiador francês acima citado, veremos que existe uma evidente analogia com o material das edições populares que encontramos no Brasil, levando em conta a simplificação, o grau de pobreza e mesmo a quantidade de resíduos culturais mal digeridos produzidos e difundidos. Sem dúvida alguma, encontramos sempre e ainda conjuntos versando sobre:

- a mitologia, o maravilhoso pagão e os contos de fadas;
- os tratados, calendários e almanaques;
- as obras de piedade, a vida dos santos;
- romances;
- comédias;
- letras de canções;
- representações da sociedade;
- os jogos e a educação, etc.

Estudando a cultura popular russa, juntamente com Piotr Bogatyrev no começo do século XX, em Moscou, fala-nos Roman Jakobson (1973) de uma espécie de reconhecimento prévio que acolhe os temas, garantindo sua realização e permanência. Ele nos fala também de uma espécie de censura preventiva por parte da comunidade, e estabelece um conceito de produção sob demanda, que, guardadas as diferenças, será aqui de grande utilidade. Diríamos no caso destes nossos livros populares que há uma demanda embutida nessa produção, tanto do ponto de vista do imaginário quanto das opções práticas, e ainda da ordem do desejo.

Teríamos nessa produção algo também que necessita de um constante reconhecimento por parte do público “leitor”. Assim Paul Zumthor (1973), em seus estudos de poética medieval, e como procuro mostrar em meu livro *Cavalaria em Cordel* (Ferreira, 1993), aponta para a existência de um metachecimento que rege a criação e a produção populares. É justamente a esse meta ou a este reconhecimento que se liga a conservação dos repertórios.

Retornando ao tópico de nossas visitas, não deixamos de apontar para a presença de uma outra editora situada no mesmo entorno, a Livreiro, que visivelmente segue os passos da anterior. Seu editor, ainda na década de 1980, nos tinha afirmado que um dos livros mais vendidos de seus produtos era a *Arte de Lutar Karatê*. Apontava-nos seu público como se compoendo basicamente da classe operária; ele se permitiu interpretar o sucesso desse

livro pela necessidade a que ele corresponde, ensinando defesa pessoal neste perigoso espaço urbano, e diante da dificuldade de se poder pagar uma academia. Creio que há outras necessidades, como, pura e simplesmente, o prazer do jogo e a busca de status.

Informa-nos que sua atuação, ao produzir livros, consiste em minimizar as dificuldades das pessoas, oferecendo-lhes inclusive a ilusão. Triste ilusão, diríamos.

Nesse quadro, se constata a presença de livros como os Secretários do Amor, compreendendo uma espécie de introdução ao uso das regras do comportamento amoroso e sobretudo ao amor/conquista, e também as Cartas de Amor, que constituem um modelo a usar e a seguir.

Assim, passei algum tempo a observar em algumas de nossas editoras populares uma intensa gradação desses produtos, o que compreende do ensino mais difuso até a didática mais imediata. Trata-se, por outro lado, de compensar, atendendo a toda uma demanda, o que a escola não conseguiu ensinar, ou a sua ausência, por impossibilidade de frequentá-la. Fazer o indivíduo aprender, por meio de cópias à mão, a partir desses textos: o que é considerado como fundamental à sua educação, isso para que ele possa se colocar numa vida social que ele deve daqui por diante enfrentar, no quadro das novas condições. Pode-se dizer que há um público crescente de migrantes rurais a quem este estilo de livros responde como um remédio, preparando-os para os passos cotidianos da grande cidade (mas que os colocam em situação de desvantagem em relação à cultura institucional). Esse argumento tópico será abordado mais precisamente em outra ocasião.

Considerando o caso específico das Edições Luzeiro, pode-se seguir o caminho pelo qual o editor sabe e pode tirar partido das preferências mais constantes. Ele procura responder à demanda dos públicos diversos que compõem seu público geral, levando em



Figura 2. Tiba ([s.d.])

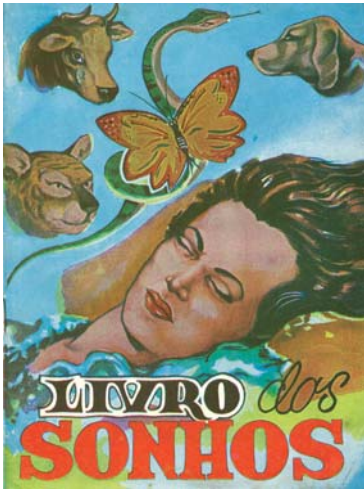


Figura 3. Livro dos Sonhos ([s.d.])

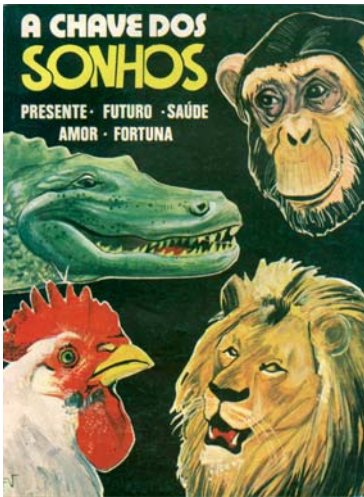


Figura 4. Laplace ([s.d.])

conta os diferentes graus de instrução e as diferentes possibilidades de compra. Um mesmo eixo pode levar à série Cartas de Amor ou ao Livro de Sonhos. Cada título conta com diferentes tratamentos, sendo que podemos detectar alguns autores contratados para escrevê-los anonimamente, de maneira mais rudimentar ou “sofisticada”, a depender. Aqui, nos damos conta de uma grande diversidade desses livros, dos mais simples e mais econômicos aos mais elaborados, segundo a capacidade de publicação da editora. Esta lança pois no mercado alguns títulos, sob diversas capas e formatos, em cada uma dessas séries com subgradações de tipo cultural e aquisitivo. Tudo isso conformado, e de acordo com esta “grande didática” que faz convergir em direção à resposta popular, com o comércio – numa base de persistências imaginárias. Fala-se, então, de Secretários de Amor, Cartas de Amor, Livros ou Chaves ou Guias dos Sonhos. Procura-se compatibilizar tudo isso, do passado a uma promessa, de uma ilusão a um desejo de realização mais pronunciado, projeção que configura

um meio de estar neste mundo, contanto com o pouco que se oferece então.

Os prefácios curiosos e mistificadores tentam fazer passar, em um tom muito solene – imitando aquele das considerações filosóficas –, a idéia de

que estão refletindo sobre a história do homem, de seus sentimentos e de suas conquistas. Nas Edições Luzeiro, há uma grande diversidade de publicações de sucesso que seguem nessa direção. Nas Edições Livreiro (concorrente da Luzeiro), as capas dos Livros dos Sonhos chamam a atenção pelo jogo erótico, e os títulos são bastante sedutores: O Mistério dos Sonhos, Os Sonhos de Amor, Jogos e Números Vencedores, Dinheiro e Bons Números para o Jogo do Bicho.

Abro aqui um parêntese para comentar o jogo do bicho, que, bem popular, continua a ser praticado no Brasil (à parte as discussões sobre o seu caráter mafioso). Ele guarda uma organização imaginária e simbólica bem complexa, além dos aspectos lúdicos, e recupera os traços de uma numerologia divinatória e de uma emblemática que projeta traços animistas persistentes na vida popular. Vi há alguns anos em Feira de Santana, na Bahia, uma enorme roleta que reunia os feirantes vindos dos sertões mais distantes em torno do jogo. Sobre a roleta curiosas pinturas primitivas, representando animais. Lá se desenrolava toda uma paleta combinatória de animais, aclamada com fervor pelo público que ganhava ou perdia dinheiro.

O que é preciso reter, antes de tudo, ao considerar esses livros, textos-imagens é que há sempre a presença de práticas enganadoras, mas a detecção de traços e situações bem tecidos no regime imaginário e na tradição da vida popular. Eis aqui o que tentei esclarecer no capítulo Memória, Magia e Tramóia, em O Livro de São Cipriano (Ferreira, 1992). Passa-se do antigo conjunto, da organização mítica, ao jogo autorizado, mas sempre ao jogo, ele próprio oferecendo não uma verdade, mas o divertimento e os enganos.

O achado – Livros de Sonhos

Passo a descrever este corpus, no sentido de presentificar os livrinhos, a partir de uma recolha e observação. Eles formam um conjunto texto-imagem, e alguns trazem prefácios informativos ou sentenciosos. É preciso não esquecer que, no caso do folheto popular, o sonho aparece configurado das mais diversas maneiras, suscita situações narrativas e instala o poder de figuras regionais bem carismáticas, o sonho de Frei Damião ou do Padre Cícero. É este todo um capítulo, a ser desenvolvido em outra ocasião e espaço.



Figura 5. Cazzamatta; Paiva ([s.d.])



Figura 6. Zabylla, ([s.d.])

Quanto a esse universo das bordas, temos na mesma editora e série (Luzeiro) a seqüência Livro dos Sonhos, (sem outras indicações), Chave dos Sonhos (presente-futuro-saúde-amor-fortuna), apresentando um glossário que vai de A a Z.

O Guia dos Sonhos traz um exótico pseudônimo de autor e um prefácio que usa a idéia de guia rumo à decifração, contendo ainda a pergunta central: o que significam os sonhos? Em pauta, por parte dos autores contratados, uma referência às teorias de Freud (1980, 1987, 1988) e a alusão à ciência moderna. No Grande Livro de Sonhos, contando com uma pequena introdução assinada pelos editores, passa-se a oferecer, além do glossário, uma numerologia dos grupos de bichos, falando-se explicitamente na Loto.

Nos livros compostos para uma editora popular, a Fittipaldi, de Savério Fittipaldi Sobrinho (Ferreira, 1991/1992), encontramos a presença de um dos autores da série anterior da Luzeiro a nos oferecer toda uma pesquisa e informação, que diz ser de livros franceses, e se diz traduzindo o seu texto a partir de: *Les Songes Premonitoires et la Signification des Songes pour le Futur Une Clef pour unve vie Meilleur* (sic), escrito, segundo se lê, em Paris e publicado em 1825 pela editora Tempus Fugit em 1827, edição que declara ter nas mãos!!!

Em *Os Sonhos – Sinais e Avisos*, que transmite números da sorte e que se faz acompanhar de informações sobre Jung e Freud, estamos no território da mistificação mais plena e, de repente, somos de fato levados a nos indagar sobre a insistente presença de tudo isso.

Inflexões e descobertas

Ao falar-se dos livros dos sonhos, mantém-se o caráter imagético da linguagem onírica, o poder de representação, de encenação, o caráter dramático dos contrastes. É também importante ter em conta o fato de que o sonho (rêve) corresponde ao espaço designado – a uma espécie de espaço figural, como veremos. O exercício de decifração e a alusão à capacidade de interpretação que comparecem com regularidade.

Assim, numa interessante busca, fomos levados aos próprios textos de Freud e descobrimos como foi decisiva a sua incursão pelos livros populares e de sonhos, rumo à sua elaboração da interpretação dos sonhos.

Ele nos diz ter ali descoberto a concepção profana, aquela que permanece meio prisioneira da superstição e parece se aproximar da verdade.

O que se pode dizer dos Livros dos Sonhos no seio do mundo da edição popular é que eles têm grandes tiragens de exemplares, continuam a despertar interesse e que se organizam por fragmentos em torno de uma espécie de memória ancestral. Mais particularmente, coloca-se em causa o apelo à decodificação dos enigmas que se fazem mais insistentes, através de artifícios e de maneiras de proceder bem definidas.

Os materiais dos sonhos, que aparecem sob a forma dos *Fliegende Blätter* e nos *Volksbüche*, (ou seja, “folhas volantes” e “livros populares”) são um material de estudo tão importante para o trabalho de Freud que devemos colocar em destaque desse contato os seguintes pontos: o caráter imagético da construção onírica, refletida de maneira “primitiva” e que tem a ver com o que Lyotard no seu extraordinário livro *Discours, Figure* (Lyotard, 1979) chama o espaço figural: poder de representação, de encenação; a montagem das imagens alusivas, o sonho correspondendo a uma espécie de espaço designado, apontado.

No caso dos Livros de Sonhos, observamos bem a presença do caráter imagético da linguagem onírica, concentrando e agindo para criar uma outra

dimensão. Freud nos diz que os sonhos pensam principalmente através das imagens visuais. O processo do sonho se repercute, então, na organização destas obras, quer dizer, aquele da criação de figuras compostas. Da mesma maneira, observa-se toda uma inversão cronológica.

Podemos concluir que a elaboração do sonho está ligada à construção do tempo e à criação de uma espécie de espaço visionário que não é estranho à construção do mundo popular, seguindo os princípios imaginários que persistem nas culturas tradicionais. A intensidade sensorial das imagens oníricas faz assim o apelo aos contornos e aos delineamentos do que se tipifica e registra como pertencendo a esse universo.

Abordando as categorias de condensação e de deslocamento propostas por Freud, vai-se alcançar os processos mais correntes na elaboração dos livros de sonhos, que ainda hoje têm tanto poder junto aos públicos populares brasileiros, entre outros: a análise das formas verbais “absurdas” que se passam durante os sonhos é particularmente indicada para mostrar o trabalho do sonho em condensação. Essa síntese é recuperada intuitivamente pelo autor, contratado pelo mundo da edição popular, para elaborar e apresentar esses textos. Assim, o deslocamento que cria seqüências fragmentadas vai ao encontro de um projeto desse tipo de livro popular, contíguo ao universo da cultura de massas. Uma ordem e uma disposição “visionária” nos oferecem a possibilidade de fazer próximos os processos observados por Freud e esses que se constata aqui, seguindo a fragmentação ou apenas a repetição imposta por essa indústria de edição, como procurei demonstrar em meu trabalho sobre o Livro de São Cipriano (Ferreira, 1992).

Não se saberia melhor comparar a elaboração definitiva, tal como ela teve lugar sob o efeito do pensamento “normal”, senão nas “inscrições” misteriosas com que os *Fliegende Blätter* divertiram durante tanto tempo seus leitores, lembra-nos Lyotard (1979), ao falar também da função do engano. Dará exemplo das inscrições misteriosas e nos apontará, em outras seqüências, a relação do energético ao lingüístico na construção do texto que é o sonho e o universo de sua representação verbal-imagética no mundo popular.

Ele constata, pois, como aquelas levam o leitor a acreditar em uma certa frase – por efeito de contraste – uma frase em dialeto e tanto quanto possível burlesca – pretende passar por uma inscrição latina. Ele mostra-nos

que, no final, as letras contidas nas palavras são separadas da combinação de sílabas e dispostas em uma nova ordem.

Lyotard faz ainda comentários sobre a importância desses materiais de estudo e de inscrições enigmáticas, mostrando-nos de que maneira o hieróglifo trabalha o discurso. No corpus das obras estudadas observamos que a construção hieroglífica e o mistério dos segmentos de uma criptolinguagem garantiram seu espaço de atividade, ao lado da repetição mecânica de outros livros e da apropriação das frases enganosas e aliciatórias neste universo observado da edição popular.

Encontraremos um dos eixos mais importantes para a avaliação do que pode acontecer quando há uma criação e interpretação dos materiais oníricos. Vamos nos encontrar, então, em face de duas pistas fundamentais: o enigma e a numerologia.

O enigma do sonho e o enigma que se desenrola durante o sonho são desafios ancestrais que, levados à tradição oral, cumprem um diálogo permanente entre o presente, um passado reencontrado e um futuro meio-perceptível. O trabalho do sonho pode recusar ou corrigir a realidade, e é nesse sentido que, em certas situações, aproximar sonho e utopia pode confirmar a idéia de que os sonhos são a realização dos desejos. No mundo popular, esta função evasiva, ou “promessa de felicidade”, corresponde à possibilidade de realização dos desejos que se cumprem no jogo dos livros populares, como as Chaves dos Sonhos. É possível encontrar aí uma escolha de caminhos falaciosos, mas de algum modo restauradores, e então tomamos consciência da importância desses livros no psiquismo de grupos sociais à deriva. A busca do desejo e da promessa, baseados em memória ancestral.

Mas o que está em causa é a interpretação dos sonhos. Sua interpretação é realmente possível? Ora, tanto nesses livros populares como nas operações psicanalíticas, está-se frente a um jogo que reúne e atrai as possibilidades de conciliação lúdica de fórmulas e de emblemas baseados na história cultural da humanidade?

Nos livros de sonhos populares, mesmo que tenham características grotescas e mistificadoras e tenham recorrido, de certa forma, a esses depósitos míticos, estamos diante de todo um repertório de figuras e de conexões que continuam a hipnotizar os leitores e contempladores desses textos.

O sonho se articula enquanto linguagem. Ele não é a palavra do desejo,

mas sua obra. Continuando a considerar o jogo e o sentido combinatório e mágico dos números, que vem de Artemidoro aos nossos dias, sem para tanto transbordar nos sentimentos antitéticos das palavras “primitivas”, e constatando o semiológico dos pares forte/fraco, interno/externo, Freud (1988) manifesta uma inquietação quanto à origem dos números no material onírico. Ele vê esses números como um dos elementos fundamentais para a dita interpretação.

Podemos concluir que a elaboração dos sonhos tem a ver com uma construção própria do tempo/espço nos textos populares. Estes se ligam a uma concepção mágica contida no número (este repleto de símbolos latentes manifestados nos jogos adivinatórios), um apoio e uma organização de princípios. Apesar da mistificação e do engodo, pode-se falar da permanência de alguma coisa que vai mais longe e que se mantém como um grande desafio para nossa compreensão: um grande mistério transmissivo.¹

Referências

- ANDRIES, Lise. Les clés des songes. In: LE GRAND livre des secrets. Paris: Imago, 1994. p. 163-181.
- CAZZAMATTA, Carlos Alberto; PAIVA, Paulo (Ed.). *Sonhos*. São Paulo: Sampa, [s.d.].
- FERREIRA, Jerusa Pires. Heterônimos e cultura das bordas: Rubens Lucchetti. *Revista USP*, São Paulo, n. 4, p. 169-174, dez.1989/jan.-fev. 1990.
- FERREIRA, Jerusa Pires. A voz de um editor popular. *Revista de História da USP*, n. 125/126, p. 105-115, ago.-dez. 1991/jan.-jul 1992.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *O Livro de São Cipriano, uma legenda de massas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Cavalaria em cordel*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
- FERREIRA, Jerusa Pires (Org.). *Arlindo Pinto de Souza*. São Paulo: Edusp: Com-Arte, 1995. (Coleção Editando o Editor, v. 4).
- FREUD, Sigmund. *L'interprétation des rêves*. Trad. I. Meyerson. Nouvelle édition augmentée. Paris: PUF, 1980.

¹ Depois de ter apresentado meu texto em congresso na Universidade de Limoges, pude ler o trabalho de Lise Andries (1994). Alguns caminhos que ela toma conduzem às mesmas pistas que segui, e pude constatar que ela avança na direção de certos argumentos que desenvolvo.

- FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, Sigmund. *Sur le rêve*. Trad. Cornelius Heim. Paris: Gallimard, 1988.
- JAKOBSON, Roman. Le folklore, forme spécifique de création. In: JAKOBSON, Roman. *Questions de poétique*. Paris: Seuil, 1973. p. 59-72.
- LAPLACE, Urbain. *A chave dos sonhos*. São Paulo: Luzeiro, [s.d.].
- LIVRO dos sonhos. São Paulo: Luzeiro, [s.d.].
- LYOTARD, Jean François. *Discurso, figura*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1979.
- MANDROU, Robert. *De la culture populaire aux XVII e XVIII*. Paris: Stock, 1975.
- TIBA, Anouk. Livro completo dos sonhos e da sorte. 2. ed.. São Paulo: Gótica, [s.d.].
- ZUMTHOR, Paul. *Éssai de poétique médiévale*. Paris: Seuil, 1973.
- ZABYLLA, Félix. *O grande livro dos sonhos*. São Paulo: Luzeiro, [s.d.].

Recebido em 23/06/2004

Aprovado em 02/08/2004